

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER PELAS MÃOS DA ARTE E DO DESIGN

VIOLENCE AGAINST WOMEN BY THE HANDS OF ART AND DESIGN

Rafaela Pereira de Azevedo
Mestranda do PPGAV/UFPel
rafaelapazevedo@gmail.com

Lúcia Bergamaschi Costa Weymar
Doutora Professora do PPGAV/ UFPel
luciaweymar@gmail.com

RESUMO

Neste artigo discutem-se produções visuais apoiadas no tema "violência contra a mulher". A proposta se fundamenta em eleger obras de diferentes períodos da história da arte, que abordam o assunto direta ou indiretamente. O propósito é compreender os contextos artísticos nos quais foram produzidas bem como seus desdobramentos sociais. O resultado do levantamento destas obras, a ser realizado com base em um modelo de avaliação qualitativa relacionada à pesquisa documental e bibliográfica (GIL, 1994) será utilizado para entender o poder visual e a dimensão política da imagem. Assim, pergunta-se: Como "Ofélia" (1851-2), obra do pintor inglês John Millais, poderia se relacionar, por exemplo, à questão do feminicídio no qual o Brasil, segundo a OMS, é o quinto maior país no mundo em número de casos? Buscando perceber a importância deste tema, respalda-se no pesquisador William Mitchell e sua defesa na qual, essencialmente, o autor considera imagens como "coisas vivas" que repercutem. Para Mitchell (1986, p. 9), "a imagem não é apenas um tipo particular de sinal, mas algo à semelhança de um ator do momento histórico, uma presença ou um caráter dotado de *status* legendário".

Palavras-chave: História da Arte. Design. Violência. Obras de arte. Retórica Visual.

ABSTRACT/RESUMEN

This article discusses visual productions based on the theme "violence against women". The proposal is based on electing works from different periods in the history of art and design, which approach the subject directly or indirectly. The purpose is to understand the artistic contexts in which they were produced as well as their social unfoldings. The result of the survey of these works, to be carried out based on a qualitative evaluation model related to documentary and bibliographical research (GIL, 1994) will be used to understand the visual power and the political dimension of the image. Thus, one wonders how "Ophelia" (1851-2), by the English painter John Millais, could relate, for example, to the question of femicide in which Brazil, according to the OMS, is the fifth largest country in the world in number of cases? In order to understand the importance of this theme, it is based on the researcher William Mitchell and his defense in which, essentially, the author considers images as "living things" that repercussions. To Mitchell (1986, p.9), "the image is not a just particular type of signal, but something like an actor of the historical moment, a presence or a character endowed with legendary status. "

Keywords/Palabras clave: History of Art. Design. Violence. Works of art. Visual Rhetoric.

Introdução

Entender as diferenças e diversidades que constituem nossa sociedade é primordial em qualquer tentativa de regular os relacionamentos sociais que nos permeiam enquanto sujeitos e cidadãos. Para garantir igualdade de tratamento e de direitos, diante de todo esse pluralismo, diferentes camadas e grupos sociais lutam e reivindicam por seu espaço e reconhecimento. Mais do que isso, buscam dar luz à discriminação com que são tratados e todo o conjunto de consequências que isso envolve, entre elas a violência. Neste âmbito encontram-se as mulheres, objeto deste artigo.

Esta pesquisa se propõe a refletir este cenário a partir de quatro obras de artes. Segundo Rey (2002), a arte é um elemento ativo que se renova e é desafio constante para o artista provocar mudanças; sendo assim, colocar questões tem maior relevância para os aspectos da arte e da cultura do que, necessariamente achar respostas. A presente pesquisa desenvolve-se reposicionando essas obras, ao colocá-las sob o ângulo do “tema violência contra mulher”. Ou seja, damos continuidade ao *processo* da obra, avançando sua dimensão teórica para questões sociais seja no caminho que o artista previa ou não, seja evidente ou não. “A teoria, subterrâneo da obra, é como os alicerces da casa: o que lhe dá sustentação, embora não seja, necessariamente, aparente.” (REY, 2002, p.3)

A metodologia científica a ser utilizada nesta investigação se baseia em Gil (1994), que a nomeia enquanto pesquisa básica, que objetiva gerar conhecimentos novos sem aplicação prática. Para além, é uma pesquisa qualitativa, cujas relações e os dados são analisados intuitivamente. Trata-se, também, de uma pesquisa bibliográfica que busca entender através de livros, artigos e demais publicações, conceitos de violência e discriminação, assim como o eixo político das imagens. A partir de então foi possível relacionarmos as quatro obras, ou seja, a exposição “O que você estava vestindo?”, ocorrida no *Centre Communautaire Maritime*, em Bruxelas; *Lilith*, de John Collier; *Ophelia*, de John Everett Millais e *Birth Tears*, Judy Chicago, que foram selecionadas sem um critério específico de escolha.

Primeiramente, o artigo apresenta os aspectos históricos e informações sobre o tema da violência e, posteriormente, discorre sobre o poder reflexivo da imagem a partir da retórica para, enfim, discutir sobre as obras de arte e chegar às conclusões finais.

Para perceber o fenômeno da violência contra a mulher nos dias de hoje faz-se necessário, antes de qualquer coisa, entender a discriminação histórica da mulher. A

construção do preconceito, incluindo suas variações como rejeição e exclusão social e até mesmo fonte para violência, passa pela construção de “pré-noção do outro” (BANDEIRA; BATISTA, 2002, p.133). Para as autoras, o outro é aquilo que está fora do contexto do sujeito, aquilo que não pode ser controlado. É o divergente. E o corpo do outro, como todos seus traços físicos e psicológicos e toda sua imaginação simbólica, é a representação dessa diferença e é a ele que o sujeito reage. Segundo Silva (2010, p. 564), o preconceito é imediato à experiência e, diferentemente do conceito que busca verdades, aquele já parte da premissa que ele é a verdade.

O sujeito faz sua própria representação da imagem do outro e a imagem de alguém sempre tem algum signo de poder. Esse poder, não só em termos de dominação, mas no sentido de ameaçar, dar medo, deixar inseguro, estar fora do conhecimento, desrespeitar valores e padrões seguidos, gera o preconceito. Para Bandeira e Batista (2002, p.133), “Se não se outorga algum tipo de poder em relação àquele que é o objeto da diferença, então não há preconceito.”

De qualquer maneira, é nele, no corpo, e a partir dele que as discriminações ocorrem. É nele que se depositam e se concentram os elementos indicados, as configurações que nos permitem classificar *os códigos corporais* (a cor da pele, altura, a conformação da cabeça e do rosto, o tipo e a qualidade dos cabelos, o tamanho, o peso, o porte físico, a cor e a forma dos olhos, a forma do nariz, a estatura do corpo, o perfil, as marcas etárias e geracionais, o uso de determinadas roupas, adereços, etc.); *os códigos comportamentais* (registrados no corpo, tais como as condutas, as posturas, os gestos, as tatuagens, os músculos ou a musculatura, os *piercings*, os odores, as formas de se alimentar, de se comportar, de sentar-se, de comportar-se em lugares públicos, etc.); *os códigos emocionais* (tipos de sentimentos, insegurança, medo, respeito e obediência excessiva, repugnância, subserviência, comportamentos sexuais excessivos, sedução, assédio); *os códigos lingüísticos* (o padrão lingüístico, a tonalidade da voz, os sotaques regionais, o vocabulário, a ortografia, as gírias, além de outros sinais e signos identitários). Com base nesses elementos inseridos e demarcados no corpo estabelecem-se classificações, regras/normas, significados/valores e comportamentos. O conhecimento das repercussões dessas classificações e de suas consequências, geralmente, é deixado de lado. (BANDEIRA; BATISTA, 2002, p.135 e 136)

Durante toda a história da humanidade a cristalização de uma série de conceitos contribuiu para aplicar especificamente, ao sexo feminino, uma posição de inferioridade e de fragilidade. Tal posição foi durante muito tempo confirmada pelas próprias mulheres e o leitor deve estar consciente de que aquilo que é certo ou errado e mais ou menos importante varia de um período ou de um lugar para o outro. Concordamos com Bandeira e Batista (2002, p.135), quando afirmam que “uma vez que uma imagem se torne definidora e se traduz em imagem real, será muito difícil renegociá-la.”

Em seu artigo “O preconceito contra as mulheres na história”, Ribeiro (2009) cita alguns exemplos de contribuições para consolidação desse tipo de concepção. Segundo a autora, na Antiguidade Platão e Aristóteles foram disseminadores, na filosofia, desta visão negativa sobre mulheres ao afirmarem, respectivamente, que “os homens covardes que foram injustos durante sua vida, serão provavelmente transformados em mulheres quando reencarnarem” e que “a fêmea é fêmea em virtude de certas faltas de qualidade”. Na Idade Moderna, o filósofo e escritor Rousseau, no século 18, discorria que “a mulher é um ser destinado ao casamento e a maternidade”; os também filósofos Kant e Nietzsche definiam, nesta ordem, a mulher como “pouco dotada intelectualmente, caprichosa indiscreta e moralmente fraca” e que “o homem deve ser educado para a guerra e a mulher para a recreação do guerreiro”.

Outro ponto interessante de ressaltar são aquelas mulheres consideradas bruxas. De acordo com Vieira (2007), essas mulheres eram muitas vezes parteiras, enfermeiras ou tinham conhecimento sobre plantas medicinais que poderiam ajudar a curar enfermidades, inclusive na própria comunidade, e por esta razão tinham elevado poder social. Apesar disso, na Idade Média, um conhecimento e um avanço deste tamanho não poderiam ser adquirido por uma mulher em uma sociedade onde o homem deveria ser a figura principal. Para agravar a situação, esse sabedoria era considerada magia negra pelo julgamento dos dogmas da igreja e intimidava a instituição médica da época, predominantemente masculina. A saída encontrada foi a perseguição à essas mulheres através da Inquisição, durante três séculos (1450 a 1750), onde inúmeras mulheres acabaram presas, torturadas e assassinadas. É preciso lembrar também a própria Revolução Francesa que, no século XVIII transformou a sociedade francesa ao romper com uma monarquia absolutista. “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” era o lema da revolução e orientou vários setores da população na busca pelos seus direitos, por um estado laico e democrático, que proporcionasse melhores condições de vida, inclusive das mulheres. Até então, elas viviam num contexto balizado e sem direitos políticos, reservando seus deveres à vida privada. Conforme Badinter (2003), mesmo excluídas, participaram intensamente e ajudaram a preparar ações e ideias que levaram à efetivação da revolução. Mas tudo pelos ‘bastidores’. Aquelas mulheres que tentassem conquistar seu espaço na vida pública teriam a morte como destino, como no caso da feminista e ativista Olympe de Gouges (1748 – 1793). Como lembra Silva (2010), logo se percebeu que a

igualdade política, social, econômica e jurídica se estendia apenas aos homens da burguesia francesa.

Olympe era escritora, feminista atuante e revolucionária na França nos tempos da Revolução, chegando a ter seu direito de fala silenciado ao publicar, em 1789, *Os Direitos da Mulher e da Cidadã*, no qual reivindicava a abolição do jugo masculino sobre o feminino. Resultado: em 03 de novembro de 1793, a escritora foi guilhotinada, acusada de querer igualar-se ao homem, traíndo a sua condição de mulher. O mesmo ocorreu com a atriz Claire Lacombe, atriz da *comédie française*, líder popular e organizadora da Sociedade das Mulheres Revolucionárias. (SILVA, 2010, p.558)

Segundo o Dossiê *Violência contra as Mulheres*, realizado em 2015, por uma iniciativa do Instituto Patrícia Galvão, a legislação do Brasil Colônia dava aos maridos o direito de assassinar as mulheres, demonstrando como o tratamento dado aos brasileiros era desigual por questão de gênero. Para além, o Código Civil que vigorou de 1916 a 2002 considerava mulheres casadas como “incapazes”.

Ao longo da história a luta das mulheres por representatividade trouxe avanços significativos para a sociedade feminina. As reivindicações do movimento feminista -desde o direito ao voto e ao divórcio nos séculos 18 e 19, passando pelo uso do contraceptivo que trouxe mais liberdade sexual para as mulheres na década de 1960 até a luta por igualdade no trabalho e acesso à educação na década de 1970 (CUNHA, 2013) trouxeram inúmeras vitórias de classe. Porém, ainda encontram muita resistência na visão machista, estereotipada e objetificada da mulher, muitas vezes tênue e disfarçada por um discurso liberal da sociedade. “A atitude em relação ao “segundo sexo” sempre foi muito contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade (DELUMEAU, 1989, p. 310, apud VIEIRA, 2007, p.1)

Violência contra mulher

Não é a violência que cria a cultura, mas é a cultura que define o que é violência. Ela é que vai aceitar violências em maior ou menor grau a depender do ponto em que nós estejamos enquanto sociedade humana, do ponto de compreensão do que seja a prática violenta ou não. (BAIROS, Luiza, apud DOSSIÊ, 2015)

A violência contra mulher pode surgir em inúmeros formatos e intensidades. Segundo Dossiê *Violência contra as Mulheres* (2015), pode ser assédio, exploração sexual, estupro, tortura, violência psicológica, agressão por parceiro ou familiar, perseguição, feminicídio, dentre outros.

A persistência desta discriminação e violação dos direitos humanos em inúmeros países exige debates para entender sua dimensão e causas. A falta de compreensão sobre as desigualdades e as relações de poder que são construídas junto aos papéis associados ao masculino e feminino leva à negação de direitos e a diferentes níveis de tolerância da sociedade à violência, gerando, assim, ainda mais violência.

A pesquisa *Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres*, realizada pelo Data Popular e o Instituto Patrícia Galvão em 2013 aponta dados notáveis sobre o pensamento da sociedade brasileira quanto ao tema. 54% conhecem uma mulher que já foi agredida por um parceiro; 56% tem consciência de um homem que já agrediu uma parceira; 43% dos homens acham que a mulher provoca a agressão. Estatísticas da pesquisa mostram que a cada onze minutos uma mulher é estuprada e a cada duas horas uma mulher é assassinada. 503 mulheres são vítimas de agressão por hora no país. Isso mostra a urgência em falar do assunto em qualquer ambiente ou área.

A retórica da imagem

Qual seria, então, a relação entre o tema violência contra o feminino e as artes visuais? Neste artigo, tratamos a imagem enquanto um mecanismo retórico. A retórica visual, segundo Foss (2004, p. 303, apud MATEUS, 2016, p.2), “é a expressão utilizada para descrever o campo de estudo, dentro da retórica, que se ocupa da natureza e funcionamento dos fenômenos visuais dentro do processo abrangente de persuasão”.

A ideia da persuasão da retórica pode conter duas possibilidades de interpretação: os argumentos visuais podem ser percebidos como argumentos transmitidos através de imagens; ou argumentos expressos de forma visual, como imagem (ROQUE, 2010, apud MATEUS, 2016, p.4). Mitchell (1986) descreve essa bifurcação ao retomar que argumento visual se divide em *icons* (imagem, semelhança, *picture*) e *logos* (palavra, ideia, discurso, ciência). Assim, o argumento pode tratar do que o sujeito enxerga (interpreta) acerca das imagens e do que as imagens por si só contam, descrevem. Para Mitchell (1986) a imagem não é sinal factual, mas sim atemporal pois ela repercute, conta uma história e participa de outras histórias, além de nos ensinar sobre nossa própria evolução e o mundo ao nosso redor.

Uma vez conhecida a ideia do argumento, é interessante entender que a imagem já começa a trabalhar juntamente da formação desse argumento: ela permite a reflexão. É a noção política da imagem. De acordo com Andriolo (2014, p.103), “A política das imagens

pode ser compreendida como ação política em grande parte pré-reflexiva (...) nos atos cotidianos de seus autores no mundo da vida, uma luta não articulada em conceitos ou palavras, mas em imagens”.

Esta reflexão implica em um descolamento, isto é, em tirar o espectador do lugar comum onde os conceitos já estão prontos, em repensar posições. Segundo Rey (2002, p. 1) a obra processa o sujeito, é um elemento ativo na produção de (re)significados. Logo, para a autora, esse eterno processo de significação faz com que a obra esteja sempre atualizando sua interpretação e por isso mesmo mobilizando, influenciando e redirecionando debates propostos pela arte em seu tempo, muitas vezes fugindo das intenções do próprio artista. E é esse motivo que dá permissão para ligar uma obra de arte, muitas vezes datada de séculos anteriores, para pensar problemas atuais. Afinal, a arte se renova (e propõe o novo) a partir de cada novo olhar.

A proposta deste artigo é apresentar das quatro obras escolhidas enquanto práticas reflexivas para com o tema violência contra mulher, o que implica em ver *além do que vemos* da obra, afinal, “A arte não representa o visível, a arte torna visível” (KLEE, 1980, apud REY, 2002, p.4).

A primeira obra aqui apresentada é a exposição “O que você estava vestindo?” (Fig.1) que apresenta roupas que vítimas de estupro usavam quando foram atacadas, desconstruindo a noção vigente de que o vestuário pode justificar a violência sexual. Ocorrida em Bruxelas, na Bélgica, a exposição foi organizada por um grupo de apoio a vítimas de Molenbeek, um bairro de Bruxelas e reuniu dezoito conjuntos de trajes. Ao lado de cada peça se encontrava um papel, com uma pequena resposta das vítimas à pergunta: “O que você estava vestindo?”.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e publicado em janeiro de 2018 no jornal O Globo, 30% dos brasileiros concordam que “a mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada” e 37% acreditam que “mulheres que se dão ao respeito não são estupradas”.

O que se entende dessa premissa é que ela não se justifica. A exposição deixa claro ao seu público que não existe um padrão em relação aos itens de vestuário utilizado, ou seja, deixa claro que a forma de se vestir não pode ser associada à cultura do estupro. Contudo, a pesquisa demonstra que a culpa acaba se direcionando à vítima, que se sente responsável pelo estupro, seja pela vestimenta ou por algum comportamento. A arte, neste caso, opera permitindo deslocar o sujeito, que se coloca no ponto de vista da vítima, fabricando inquietação e redirecionamento da culpa.



Figura 1. Foto da exposição “O que você estava vestindo?” (2018). Fonte: O Globo



Figura 2. Foto da exposição “O que você estava vestindo?” (2018). Fonte: O Globo

“Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo abrir-me sob teu corpo? Por que ser dominada por ti? Contudo, eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual”, disse Lilith ao Todo Poderoso, o qual retrucou que era assim que Ele havia feito, e assim continuaria. Lilith então se rebelou, e decidiu abandonar o Jardim do Éden. (LARAIA, 1997)

Lilith (Fig.3) é a segunda obra analisada e está presente em inúmeras culturas religiosas. Ela teria sido criada a partir da poeira junto a Adão – portanto, antes de Eva. Segundo Laraia (1997), negou-se a deitar sob ele na hora do sexo por não se sentir inferior e, em protesto, abandonou o Éden. Ou seja, Lilith teria se rebelado contra a “superioridade” masculina de Adão o que a torna uma figura associada a problemas pelas religiões de fundamentação patriarcal, como judaísmo e catolicismo.

Portanto, Lilith teria sido uma mulher que reivindicou por igualdade entre gêneros. Um dos aspectos que evidencia tal disparidade na atualidade é a diferença de salários entre homens e mulheres. Independentemente do tempo de estudo e tendo o mesmo cargo, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2015, publicada no jornal O Globo em 2017, apontam que homens sempre ganham mais, chegando à uma diferença de treze reais por hora para pessoas com mais de doze anos de estudo. Além disso, a pesquisa mostra que as mulheres gastam 10,5 horas a mais que os homens em trabalhos domésticos, que não são contabilizadas na jornada de trabalho.

Conforme apontado, desde os primórdios da humanidade coube a mulher a cultura dos cuidados domésticos e acaba influenciando até mesmo na escolha de carreiras das mulheres. No Brasil, segundo a pesquisa PNAD de 2015, a diferença salarial entre os sexos é em média de R\$490 reais. Esses dados encontram apoio nos preconceitos que envolve o feminino e encontrar uma figura como Lilith, envolvida pela aura da religião, ajuda a repensar esse paradigma, ultrapassando as barreiras da arte.



Figura 3. *Lilith*, por John Collier (1887). Fonte: Mundo Estranho

A terceira obra apresentada é Ofélia (Fig.4), de John Everett Millais. O autor da obra, um pintor e ilustrador inglês, foi um dos fundadores da Irmandade Pré-Rafaelita, na Inglaterra, no ano de 1848. Uma das características dessa irmandade é retratar personagens retirados da literatura e da poesia. Ofélia é uma das personagens da peça Hamlet, de William Shakespeare; é apaixonada pelo Príncipe da Dinamarca, Hamlet, mas seu amor não é correspondido. Seu pai, Polônio, é assassinado e, depois de tanta desgraça, Ofélia acaba enlouquecendo e tirando a própria vida.

Ao conhecer esta obra, lembramos da discriminação a mães solteiras. Na época em que se passaria a obra, Ofélia enfrentaria os desafios de uma sociedade patriarcal e sofreria com uma imagem negativa pelo fato de se encontrar solteira, o que pode ter agravado sua situação emocional e levado ao trágico final. Hoje, apesar dos avanços na luta pelo reconhecimento da mulher, a imagem de que mulher não pode atingir sua plenitude sem pertencer a uma família tradicional ainda está muito enraizada. Tal postura é imposta inclusive pelas demais mulheres, com 66%, segundo dados da Agência Brasil, a favor desta premissa.

Além de tudo, mães solteiras ainda sentem mais dificuldade em arrumar emprego, pois muitas vezes acabam tendo que se afastar do serviço para atender os filhos e não recebem apoio das empresas onde trabalham.



Figura 4. *Ophelia*, de John Everett Millais (1851). Fonte: Tate

A quarta e última obra apresentada é a de Judy Chicago e é denominada *Birth Tears* (Fig.5). Judy é uma artista feminista que influenciou – e influencia até o hoje – o movimento feminista como seus modos de expressão que exploram as representações culturais do feminino e a desconstrução de estereótipos. Suas obras voltam o foco para a valorização de figuras femininas históricas ou ficcionais e às formas da anatomia feminina.

Resquício de uma época em que mulher era proibida de estudar e trabalhar, sua aparência sempre teve um lugar de destaque perante a sociedade. Apesar dos avanços nas conquistas femininas a pressão para que as mulheres se mantenham em um padrão físico pré-estabelecido ainda se percebe e prejudica emocional e profissionalmente muitas delas.

Tentar atingir um modelo físico inatingível gera angústia, estresse e sensação de inadequação. Afinal, o padrão incentivado pelas redes de comunicação é extremamente limitador e não leva em consideração a multiplicidade da anatomia humana. Esta visão estimula preconceitos que geram violência e violação da própria igualdade de gênero, uma vez que a aparência dificulta a inclusão social feminina.

Falar sobre o assunto, apresentar modos de inclusão e de representatividade para as mulheres, desde a educação básica até obras de arte como *Birth Tears*, permitem às mulheres se sentir cada vez mais donas do seu próprio corpo.



Figura 5. *Birth Tears*, de Judy Chicago (1985). Fonte: Coletivo Repensado

Conclusão

A violência, que institucionaliza o que cada gênero deve ou não ser e fazer e que atribui valores positivos ou negativos a essa diferença, ainda se encontra presente e se instaura em modos e graus destoantes. O reconhecimento das diferenças, combustível para ações violentas, deve ser discutido e analisado à exaustão.

Neste artigo procuramos, na arte, uma modo de visualizar a questão, visto o poder de renovação e questionamento que a imagem possui. A violência contra mulher é uma causa interdisciplinar que perpassa pela arte e todo seu processo de produção de sentido. A obra de arte permite que através dela se tenha acesso a novas descobertas e pensamentos, é complexa, não se limita à simples repetição e seus resultados não são possíveis de serem delimitados. É por esta consciência e inconsciência que se pretende redirecionar a apreciação de uma obra de arte em direção a uma causa tão urgente.

Para mais, buscaremos a ampliação e o aprofundamento dessas interpretações, numa continuação dessa pesquisa, onde será possível ter contato com mais dados, artistas e conceitos que irão permitir maior desdobramento em torno da causa.

Referências

Livros

BADINTER, Elisabeth. **Émilie, Émilie. A ambição feminina no século XVIII**; Tradução: Celeste Marcondes. Editora Duna Duetto: Paz e Terra e Discurso Editorial. São Paulo, 2003.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Ed.: Atlas, vol.4, São Paulo, 1994.

MITCHELL, W. **Iconology: image, text and ideology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1986

Revistas ou Periódicos

ANDRIOLO, Arley. **A política das imagens do inconsciente: psicologia social e iconologia crítica**. Memorandum, v.26, p.90-109, 2014. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a26/andriolo01>> Acesso em: 26.1.2018

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, A. **Preconceito e discriminação como expressões de violência**. Rev. Estud. Fem. [online], v.10, n.1, p.119-141, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100007>> Acesso em: 10.1.2018

MATEUS, Samuel. **Pode uma imagem ser um argumento?** Revista Famecos. Porto Alegre, v. 23, n. 2, Mai., Jun., Jul. e Ago. de 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.21445>> Acesso em: 7.1.2018

REY, Sandra; BRITES, B. ; TESSLER, E. ; LANCRI, J. . **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. In: Blanca Brites; Élide Tessler. (Org.). Metodologia da Pesquisa em Artes Visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

SILVA, Sergio Gomes da. **Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher**. Psicol. cienc. prof. [online]. Vol.30, n.3, p.556-571, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000300009>> Acesso em: 7.1.2018

VIEIRA, Bruno César Ferreira. **Bruxaria e feminismo: uma análise da independência da mulher através dos seriados da TV**. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/BRUNO%20CESAR%20FERREIRA%20VIEIRA.pdf>> Acesso em: 24. 1. 2018

Entrevistas concedidas

BAIROS, Luiza. Entrevista concedida. Dossiê Violência contra as Mulheres. Brasil. 2015

Sites

Coletivo Repensado Website. Disponível em: <<https://coletivorepensado.wordpress.com/2013/07/23/ativismo-artistico-a-arte-como-protesto-politico/>> Acesso em: 14.2.2018

CUNHA, Carolina. **Direitos femininos**: uma luta por igualdade e direitos civis . 2013. Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/direitos-femininos-uma-luta-por-igualdade-e-direitos-civis.html>> Acesso em: 2.2.2018.

Dossiê Percepção da sociedade sobre Violência e Assassinato de Mulheres. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/pesquisas/percepcao-da-sociedade-sobre-violencia-e-assassinatos-de-mulheres-data-popularinstituto-patricia-galvao-2013//>> Acesso em: 2.2.2018

Dossiê Violência contra as Mulheres Website. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/o-dossie/>> Acesso em: 2.2.2018

LARAIA, Roque de Barros. **Jardim do Éden revisitado**. Rev. Antropol., São Paulo, v.40, n.1, 1997. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011997000100005>> Acesso em: 1.2.2018

Mundo Estranho Website. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/religiao/teoria-da-conspiracao-lilith-a-primeira-mulher-de-adao/>> Acesso em: 14.2.2018

O globo Website. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/sociedade/exposicao-com-roupas-de-vitimas-de-estupro-refuta-tese-de-culpa-da-mulher-22288350>> Acesso em: 14.2.2018

_____. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/diferenca-de-salario-medio-de-homens-e-mulheres-pode-chegar-a-quase-r-1-mil-no-pais-aponta-ibge.ghtml>> Acesso em:14.2.2018

RIBEIRO, Aurení. **O preconceito contra mulheres na história**. 2009. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/banco/o-preconceito-contra-as-mulheres-na-historia>> Acesso em: 1.2.2018

Tate Website. Disponível em: <<http://www.tate.org.uk/art/artworks/millais-ophelia-n01506>> Acesso em: 14.2.2018